

Para recuperar pastagens, governo busca US\$ 120 bilhões

O programa para recuperação de pastagens de baixa produção que o Ministério da Agricultura apresentou aos governos, bancos de investimentos e fundos soberanos do Japão, Coreia do Sul, Arábia Saudita e Emirados Árabes nas últimas semanas deverá ficar pronto e começar a operar até o fim deste ano, segundo o secretário de Comércio e Relações Internacionais da Pasta, Roberto Perosa.

A intenção é levantar US\$ 120 bilhões para ajudar a recuperar 40 milhões de hectares de pastos com algum nível de degradação em dez anos e, assim, quase dobrar a área cultivada no país, atualmente em 52 milhões de hectares.

Recursos privados também deverão compor o caixa do programa, que será administrado pelo **Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES)**, responsável pela captação dos valores lá fora e pelo repasse às instituições financeiras que vão operacionalizar os financiamentos na ponta. A instituição também desempenhará o papel de garantidor das operações.

A **Companhia Saudita de Investimento Agrícola e Pecuário (Salic)** foi um dos agentes que confirmaram interesse em participar do programa. A ministra de Cooperação Internacional dos Emirados Árabes Unidos, Reem Ebrahim Al Hashimy, também sinalizou que o **país quer participar com “grande fatia” dos US\$ 120 bilhões buscados pelo Brasil**, disse Perosa.

O Ministério da Agricultura quer construir algo “disruptivo”, avaliou Perosa. “Queremos fazer em dez anos o que foi feito nos últimos 50 anos no país”, afirmou.

Mapeamento sobre pastagens

A **Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa)** mapeou quase 152 milhões de hectares no país ocupados por pastagens. Desses, 34 milhões estão com degradação severa. Outros 63 milhões de hectares estão com qualidade intermediária e 55 milhões apresentam boas condições produtivas. Os dados servem de base para o programa e foram apresentados na missão internacional.

Os diferenciais do programa deverão ser os juros e os prazos. O objetivo é que a linha de financiamento tenha taxas finais aos produtores perto de 4% ao ano, disse o secretário, com três anos de carência e 12 anos para pagamento.

Na estruturação do programa, a intenção é alcançar uma taxa atrativa, cerca de metade da atual SOFR (Secured Overnight Financing Rate, do Federal Reserve dos Estados Unidos, referência para empréstimos interbancários em dólar), hoje de 4% ao ano. Com juros-base de 2% mais os spreads bancários, a alíquota final ficaria em 4% ao ano aos tomadores, disse Perosa.

A justificativa do ministério para buscar esse corte nas taxas são os ganhos ambientais e sociais que a recuperação e a conversão das pastagens degradadas podem gerar para o Brasil e para o mundo, além da previsão de que a taxa vai cair nos próximos anos. A Pasta avalia ainda atrelar uma taxa variável à linha com base na SOFR.

“Hoje o Brasil já converte dois milhões de hectares por ano organicamente, sem incentivo governamental. Se tiver incentivo com juros competitivos, facilmente dá para dobrar essa área de conversão”, disse o secretário. “Essa é a grande pauta internacional do Brasil hoje”, completou.

O secretário afirmou que os países visitados não sabiam da existência das áreas degradadas no Brasil e da oportunidade de conversão com técnicas sustentáveis sem avançar sobre as florestas para aumentar a produção. O interesse estrangeiro em participar do programa está atrelado aos investimentos em segurança alimentar e na compensação da exploração de petróleo, no caso dos árabes, disse.

Ele seguirá agora para a África do Sul para a reunião de ministros da Agricultura dos BRICS onde falará sobre o tema. Depois, tem viagens agendadas para Europa e Ásia para buscar mais parceiros para o programa. Segundo Perosa, cerca de 100 mil produtores, clientes do Banco do Brasil, já demonstraram interesse e estariam aptos a acessar os recursos do programa para recuperação de pastagens.

Custos do projeto

O cálculo do Ministério da Agricultura é que a **conversão de um hectare de pastagem em lavoura custará US\$ 3 mil**, o que inclui maquinário, adequação ambiental, custeio e correção do solo. Para recuperar uma pastagem com algum grau de degradação em pasto produtivo, com maior capacidade de lotação animal, o custo estimado é de US\$ 1 mil por hectare.

A Pasta preparou uma simulação do financiamento para conversão das áreas, com juros de 6% (considerando a SOFR com taxa cheia) e custo de arrendamento da terra de US\$ 250 por hectare ao ano, para estipular gastos e ganhos dos produtores ao longo dos 15 anos de operação.

Nos cálculos, a parcela anual do financiamento, a partir do quarto ano, seria de US\$ 426 por hectare e a rentabilidade com produção de soja sucedida de milho (70%) e braquiária (30%) em US\$ 919 por hectare por ano. Nos três primeiros anos, com a carência, a margem da área é

estipulada em

US\$ 669 por hectare ou 26,8 sacas de soja. Com o início do pagamento das parcelas, a rentabilidade cai para US\$ 243 por hectare, ou 9,7 sacas de soja.

O programa, pensado por Carlos Augustin, assessor especial do ministro Carlos Fávaro, também pretende premiar produtores pela adoção de práticas sustentáveis com juros menores, com a divisão por etapas ou selos. A intenção é começar com o compliance ambiental e trabalhista nas propriedades participantes até a meta de carbono neutro e rastreabilidade integral da produção.

A medida estará integrada ao Programa de Aceleração do Crescimento (PAC), que terá obras de infraestrutura rural, investimentos em estradas vicinais e recuperação de pontes, por exemplo, além de recursos para a Embrapa, disse Perosa.

Rodrigo Lima, sócio-diretor da Agroicone, afirmou que a medida deve ser bem estruturada, com métricas de mensuração definidas, para ser uma das maiores políticas de agricultura de baixo carbono do mundo, servindo como desestímulo até para o desmatamento legal com o fortalecimento de áreas produtivas sem novas aberturas.

“Espero muito que a gente consiga ter esse plano até a COP 28 [em novembro, em Dubai] e usar estrategicamente para agregar sustentabilidade na agropecuária brasileira, muito financiamento externo e para ajudar o pequeno produtor a melhorar”, disse.